



## Editorial

Esta edição especial do Jornal Literário Papéis Avulsos se alinha com as preocupações presentes na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, cujo tema é Educação, Esporte e Saúde.

Dentro dessa temática e entendendo que saúde envolve, entre outras coisas, ler um bom livro, ver um bom filme e, sobretudo, fazer coisas que nos permitam ser felizes, preparamos uma série de matérias que, acreditamos, têm relação direta com esse tema.

Tudo começa na página poética, uma poesia do aluno Matheus Montibeller para pensarmos sobre felicidade. Em seguida, temos a resenha do filme Flores Raras, um filme de extrema sensibilidade que busca quebrar barreiras ao tratar de um assunto tão polêmico: a união homossexual.

Sobre o filme, temos uma entrevista especial com a Profa. Dra. Patrícia Rosa, pesquisadora na área de Questões de Gênero, que fala um pouco sobre a realidade por trás da ficção, ou seja, sobre a história real que deu origem ao filme e sobre o impacto do filme na atualidade.

Temos ainda a resenha do filme Patch Adams – o amor é contagioso. Um filme que nos ajudará a pensar sobre uma prática hoje disseminada pelo mundo: a de tentar levar alegria ao ambiente hospitalar e pensar um atendimento humanizado, que coloque o paciente e não a doença, no centro do processo de cura.

Logo depois, a resenha do livro A culpa é das estrelas. Um bestseller, que discute uma questão extremamente sensível: a realidade, a vida, as esperanças e expectativas de doentes terminais.

Por fim uma matéria especial sobre o grupo Doutores da Alegria, que, inspirado em Patch Adams (que afinal não é um personagem fictício), vem levando um pouco de alegria a hospitais e povoando esse espaço normalmente tão cheio de dor, de um pouco de esperança.

Desejamos a todos uma excelente leitura. Que este jornal faça bem à sua saúde e que as práticas de leitura possam fazer parte de seu cotidiano, afinal leitura é lazer.

Editora-chefe

## Página poética

Irradiado ao sol, luz divina  
o brilho do seu olho me envolve, prende e fascina  
que bom viver a vida,  
madrugada, noite e dia  
poesia soa livre e vai de encontro à melodia.  
Eu sempre quis ser dono do meu nariz,  
eu sempre quis viver a vida livre e ser feliz,  
eu sempre quis...  
Tenho tudo que quero e não passo necessidade,  
necessito apenas saciar minha fome de vontade.  
Liberdade... o vento rasga a cara na paisagem.  
Insanidade, um novo ângulo, uma nova imagem.  
Se a vida me levar, mais um dia anoiteceu  
com fé no que acredito, digo: "Vida leva eu...".  
De encontro a essa canção,  
faço a rima com emoção.  
O infinito não é o limite às asas da imaginação.  
Universo é espaço livre, um buraco de escuridão.  
Meu pés em terra firme e a mente em outra dimensão

Matheus Montibeller

Curso Técnico Integrado em Química – 4º. semestre

## Editoria de cinema

### Quebrando Barreiras

Flores Raras é um filme dirigido por Bruno Barreto, que conta uma história de amor homossexual entre a arquiteta Lota de Macedo Soares (Glória Pires) e a poetisa Elizabeth Bishop (Miranda Otto). O filme foi baseado em fatos reais e no livro "Flores Raras e Banalíssimas", de Carmen L. Oliveira. A história se passa no século 50 e 60, e o interessante é que o diretor conta a história tendo como pano de fundo um grande período da trajetória brasileira, que foi o Golpe Militar.

## Equipe editorial

Editora-chefe: Ana Paula K. da Silveira

Editores auxiliares: Nathan Corrêa e Luana Senem

Editoria de mídia: Matheus Leandro Gonçalves, Karolin Tarter e Altino Avi Filho

Editoria de cinema: Gustavo Giancesini, Gabriela Neumann e Felipe Gabriel Schmidt

Editoria internacional: Alexandre Cohn da Silveira

Editoria de Literatura Impressa: Luana Schlindwein Imhof, Amábili Luiza Teixeira e Milena Vanuza de Miranda

Editoria de imagem: Cristofher Santos e Laura Lima

Editoria de História da literatura: Thais Carolina da Cunha

Editoria de Teatro: Marcela Cerutti, Palôma Seidi e Murilo Priori

Elizabeth estava em busca de algo que a inspirasse e a motivasse, então foi passar um tempo na casa de sua colega de faculdade no Rio de Janeiro, Mary (Tracy Middendorf), que morava com Lota. No começo, ambas não se davam muito bem, porque Lota achava Elizabeth preconceituosa, insegura e tímida, principalmente quando o assunto era Brasil.

Mas tudo muda quando Elizabeth, no dia de sua partida, é obrigada a ficar mais um tempo no Rio de Janeiro por motivo de saúde. É aí que ambas se apaixonam uma pela outra.

Lota e Elizabeth vivem um romance intenso e complicado, pois Mary ainda não o aceitava completamente. O tempo foi passando, e Elizabeth ganhou um prêmio Pulitzer, com uma de suas mais famosas obras: “North & South”.

As coisas começam a mudar quando Elizabeth recebe um convite para voltar a Nova Iorque e lecionar. A princípio ela não iria deixar Lota, mas toma uma decisão que irá mudar o rumo de sua vida, e principalmente, da vida de Lota!

Se fôssemos descrever esse filme em uma só palavra, diríamos “Renovação”. Ficamos surpresos e contentes que um filme brasileiro tenha como protagonistas um casal homossexual. Certamente foi uma renovação para os filmes brasileiros, apesar de de entendermos que não será uma unanimidade, em virtude mesmo de toda a polêmica e preconceito que ainda cercam a questão.

Quando vimos o filme ouvimos pessoas dizerem “Ui, que nojo”, o que nos deixou chocados. Por que nos romances que as pessoas chamam de “normais” todos choram e se emocionam e apreciam toda a história contada, mas quando é um casal homossexual as pessoas deixam de lado toda a história e deixam o preconceito desviar a atenção para o que realmente o filme ou o livro está querendo mostrar?

Convidamos você a assistir o filme sem preconceito, sem pré-julgamentos! Foi uma das histórias mais emocionantes que já conhecemos, seja pela intensidade que é demonstrada, ou pelo relato de um amor verdadeiro. Recomendamos sem dúvida alguma este filme, mas lembrem que o amor nunca é feio, o que é feio são os nossos preconceitos.

## O amor pode curar

O amor é contagioso, foi um filme dirigido por Tom Shadyac, gravado no EUA em 1998. O elenco principal era composto por Robin Williams (Hunter Adams), Daniel London (Truman Schiff) e Monica Potter (Carin Fisher).

É uma comédia dramática, seguindo uma trajetória linear, e mostra o drama vivido pelos pacientes que achavam que iriam passar o resto dos seus dias num quarto de hospital e sem um sorriso no rosto. Até que aparece Hunter Adams e transforma a tristeza em motivo de alegria, e uma melhor qualidade de vida.

Em 1969, Patch Adams tenta se suicidar e se interna voluntariamente em um hospício. Com o tempo, começa a ajudar os outros internos e percebe que seu desejo é se tornar médico para ajudar as pessoas. Ele sai da instituição e se matricula na faculdade de medicina. Ele acreditava que o bom humor e a alegria transmitida aos pacientes era o melhor remédio para a cura e para uma melhor qualidade de vida. Seus métodos de cuidar dos pacientes eram diferentes, o que trazia um constrangimento no reitor, professores e diretores do hospital.

Com o tempo, vai conquistando a todos, menos o reitor da universidade, que desaprova seu método pouco convencional, e passa o tempo todo arrumando um motivo para expulsá-lo, mesmo sendo o melhor da turma. Apesar de todos os problemas, com a ajuda de alguns colegas de classe, eles montam uma “clínica”, onde podem realizar seus planos, cuidar das pessoas. Mas esses planos são abalados pelo trágico assassinato de Carin Fisher, o seu grande amor. Patch pensa em desistir, mas, mais uma vez, ele retoma suas forças e volta ao trabalho, contagiando até mesmo as pessoas que o desprezavam.

Em sua defesa, Patch faz um discurso que chama a atenção, relacionado a antigos conceitos de relacionamento entre médico e paciente, e usa uma frase “Vocês podem me impedir que eu me forme. Mas não podem evitar que eu aprenda. Não podem me impedir de estudar”, mostrando que o conhecimento não está sob o domínio de outras pessoas, pelo contrário, ele está posto para todos, e cabe a cada um de nós resgatá-lo. Patch se forma alguns anos depois e monta um grande hospital, que logo depois torna-se conhecido mundialmente.

O amor é contagioso, é realmente um grande filme, e traz uma reflexão para os médicos: não basta apenas saber como curar uma doença, mas sim aprender a entender como os pacientes se sentem, quais são seus sonhos, mostrando que a morte é algo natural, e que temos que aproveitar cada segundo de nossas vidas, sempre com um sorriso no rosto, e sem se preocupar com o depois.

Tom Shadyac, nasceu dia 11 de dezembro de 1958 em Falls Church, Virginia, EUA. É um comediante americano, diretor, roteirista, produtor, autor e ator ocasional. O comediante Bob Hope, é amplamente conhecido por escrever e dirigir o filme Ace Ventura: Pet Detective, O Professor Aloprado, O Mentiroso, Bruce Almighty.

## Entrevista com a profa. Patrícia Rosa – Doutora na área de Estudos de Gênero - sobre o Filme Flores Raras

Luana Senem  
Thais Carolina da Cunha

Papéis Avulsos - Professora, a senhora viu o filme Flores Raras e conhece a história real das duas personagens. A senhora pode nos contar um pouco dessa história?

Profa. Patrícia - Bom, a Lota de Macedo era uma arquiteta autodidata, mas ela estudou nos Estados Unidos, nunca teve uma relação muito boa com o pai dela e era uma pessoa muito independente. Ela fez uma casa no bairro samambaia, em Petrópolis, e ali ela vivia com a companheira dela. A Elizabeth Bishop era uma poetisa americana que teve alguns problemas emocionais e veio passar uns dias na casa de uma amiga, pois queria viajar, sair um pouco dos Estados Unidos, conhecer um pouco o mundo. Veio então para o Brasil. Chegando aqui, ela conheceu a Lota e ficou impressionada com a personalidade dela, e essa história que ela passou mal comendo caju é realmente verdade. Ela passou mal e teve que ficar, e então as duas tiveram um relacionamento e o mais importante disso, foi a construção do amor das duas e não como eles retratam no filme a Lota, com um estereótipo de homem, aquela coisa que uma tem que ser a que trabalha, batalha e a outra ficava em casa, escrevendo as poesias e tal, como se sempre em um relacionamento homossexual tivesse um fazendo o papel do homem e o outro fazendo o papel da mulher. Não era assim, a personalidade da Lota era forte, mas a Elizabeth Bishop também tinha personalidade forte. Ela era talvez um pouco mais romântica, mas ela não era a menininha da história, e ali também a impressão que deu foi que no final do filme a Lota se desesperou em ver ela com outra pessoa e se matou. Mas não, ela vinha de uma depressão muito grande, há muito tempo, como se a vida dela estivesse desmoronando. Perdeu a companheira de mais de dez anos e tudo que ela lutou para fazer - o aterro do Flamengo, pois ninguém sabia que foi ela que o planejou, ela ficou praticamente esquecida. Então tudo foi uma “bomba” emocional. Ela apoiou a ditadura militar, pois ela achava que a ditadura militar seria algo melhor para o Brasil e de repente os amigos dela tiveram que fugir do Brasil, ela viu que era uma roubada aquilo ali. Então ela não se matou porque viu que a Bishop tinha outra pessoa, foi um conjunto de coisas. A vida dela desmoronou.

Papéis Avulsos - Com base nesse conhecimento, que críticas à senhora faz ao filme?

Profa. Patrícia - Exatamente isso, colocou a Lota com um estereótipo de homem e a Bishop como a mocinha da história, mas ambas tinham uma personalidade muito forte. E deram a entender que, no final, ela se matou por causa da Bishop.

Papéis Avulsos - Como professora de filosofia e pesquisadora das questões de gênero, qual a sua opinião sobre o lançamento do filme?

Eu acho importante, principalmente no Brasil, agora nesse momento que estão discutindo os direitos dos homossexuais, o casamento de pessoas do mesmo sexo, para que as pessoas

vejam que casamento não quer dizer ir à igreja, e estar pedindo pro padre, pro pastor ou pro bispo abençoar, a única coisa que se está pedindo é ter os mesmos direitos civis, ou seja, direito à herança, plano de saúde, direitos que qualquer pessoa tenha. [...] Isso não faz diferença se ela é hetero, homo ou bissexual. Não muda em nada. Esse filme como todos os outros filmes que falam sobre, tem um momento muito oportuno que é essa loucura agora, essa insanidade evangélica ou coisas do gênero. Acho que é muito importante para as pessoas verem “ah, pois é, podiam viver bem e eram duas mulheres”, as brigas que elas tinham eram como de qualquer outro casal, pois não existe casal que não tenha briga.

## Editoria de Literatura Impressa

### A culpa é das estrelas...

“A culpa, meu caro Bruto, não é de nossas estrelas – mas de nós mesmos, que consentimos em ser inferiores.” – Júlio César, de Shakespeare

As palavras de Shakespeare parecem perfeitas ao longo dos séculos, imortalizando-se nas memórias das pessoas, mas não para John Green, autor de A culpa é das Estrelas, para ele nem todos são responsáveis por seus próprios sofrimentos, mas, por mero azar da formalidade do destino.

Contudo, a obra mais ambiciosa e comovente do nosso autor explora não só o nosso interior, não apenas a consciência inabalável de todos, mas sim, o mais simplório de todo sentimentalismo existencial. Buscando não apenas tocar os corações, o livro faz jus ao título “you will laugh, you will cry and you will want more.”

Hazel Grace - só Hazel, por favor!- É uma jovem de 16 anos que luta contra um câncer terminal, e só por milagre de um novo tipo de tratamento, o seu estado está estável, claro, se você considerar estável, ter tumores malignos espalhados pelo seu corpo, sem se desenvolverem há 3 anos, e mesmo assim te darem poucos anos de vida. Ela abandona a escola nesse tempo e passa as tardes lendo e assistindo seu programa de TV favorito: o America's Next Top Model.

A realidade é que Hazel há tempos aceitou sua condição, e o fato de que sua rápida vida vem sendo a única coisa que a preocupa é culpa, possivelmente, da forma como seus pais a encaram e, claro, da chatice de viver carregando um cilindro de oxigênio (ao qual, ela apelidou de Filipe).

Mas as coisas tendem a mudar na vida de Hazel com as idas ao Grupo de apoio de Indiana a Crianças com Câncer. Claro, não era a sua primeira vez em nada, ela já conhecia e muito bem como era a “melosidade” semanal do discurso do Orientador de seu grupo. Mas, como em todo bom enredo, tem-se uma reviravolta, e a de Hazel se chama Augustus Waters.

Augustus Waters, ou Gus, como carinhosamente é chamado, é um jovem lindo, alto, atlético, tendo sua própria cota de sofrimento dado por uma doença. Rodeado por metáforas, Gus se encanta pela menina de cabelos curtos, com cânula, e um bom tom irônico nas suas respostas. Ele também é amigo de Issac, um menino cego que frequenta o mesmo grupo que Hazel.

Não preciso nem dizer mais o que surgiu depois disso, certo?! Para quem ainda está com dúvida: ELES NAMORAM!

Um dos livros, um não, “O” livro preferido dela é *“Uma Aflição Imperial”* de seu autor favorito, Peter Van Houten. A partir disso e da enorme vontade de conhecer Peter, seu maior sonho (aquele que ela não poderia partir sem realizar) os dois viajam à procura do autor, e isso muda totalmente o rumo da história.

Hazel é forte (ou finge) e tem de se preocupar mais com os outros do que consigo mesma, com um humor ácido e, um grande tom de ironia, é uma menina sensível e extremamente altruísta. Gus é forte, inteligente, audacioso, eficaz e revigorante, como todo ponto de segurança deve ser, torna-se a grande referência para a menina.

O livro é extremamente maravilhoso, surpreendente e filosófico, sem exageros, e mesmo assim te prende em cada detalhe do grande infinito resumido nas suas poucas páginas. O livro nos mostra no êxtase como *“a dor deve ser sentida”*, pois, meu amigo, *“O mundo não é uma fábrica de realizações de desejos [...]”*.

John Green conseguiu completamente prender e partir milhões de corações em pedaços, pois ele sabia como fazer, precisa ser feito, pacientes terminais têm pequenos infinitos...

## Os Doutores da Alegria, uma reportagem por Luana S. Imhof

Um nariz de palhaço, algumas bolhas de sabão, um cavaquinho no braço e, claro, um sorriso encantador no rosto. Essas são as armas que os Doutores da Alegria usam para levar o melhor de todos os remédios pra os hospitais: o amor. O grupo foi fundado em 1991 por Wellington Nogueira, que tomou de inspiração a Clown Care Unit™, de Nova Iorque.

Ao pensar em Doutores da Alegria, a imagem que vem direto à cabeça de muitas pessoas é o filme Patch Adams - O amor é Contagioso, que apesar de ser considerado por muitos um ótimo filme, com um magnífico roteiro, o verdadeiro e deslumbrante Patch, considerou o filme uma banalização do seu trabalho: “Hollywood queria vender ingressos, e duas coisas vendem ingressos: violência e humor, desse modo decidiram enfatizar o meu esforço em abrir o ‘único hospital louco’ da história, ignorando o fato que luto pela medicina gratuita”.

Patch criou um hospital com uma metodologia inusitada, a cura através não só de remédios, mas também de sorrisos. O hospital Gesundheit (que em alemão significa saúde) foi fundado por Hunter Patch Adams em 1972, e desde então tem sido inspiração para vários países em todo o mundo.

No Brasil, além dos Doutores da Alegria, temos outros grupos que, assim como Patch, decidiram levar mais compaixão, amor e alegria aos hospitais. Um desses grupos são Os Terapeutas da Alegria, jovens, em sua maioria universitários, que também se reúnem para levar um pouquinho de alegria aos quartos dos hospitais.

O grupo foi criado em 2002, na cidade de Tubarão, mas foi adaptado para Univali (Itajai) em 2003 e desde então tem levado humor, alegria, compaixão e esperança, seguindo a terapia de Patch Adams: a cura através do sorriso. Nas visitas, os terapeutas/doutores interpretam um clown (palhaço) que se caracteriza por apresentar as qualidades, sonhos e defeitos de uma forma extremamente exagerada e cômica. O trabalho voluntário desses grupos envolve muito mais do que somente arrancar sorrisos dos pacientes, é um mundo muito mais amplo, que requer responsabilidade e, claro: o dom de amar, cada sorriso no rosto de um paciente é uma conquista e uma lição de vida, lições de vida essas que ensinam aos ‘palhacinhos’ a importância de um simples abraço.

Grupos como esse, a história do Doutor Adams e hospitais que usam essas ‘terapias alternativas’, são exemplos que devem ser seguidos, pois, agora, aquilo que parecia uma utopia, um médico levar amor e carinho, não somente remédios, se torna real com a ajuda de verdadeiros anjos com uma só missão: conquistar sorrisos por meio do clown amor!

## Entrevista com os Doutores da Alegria

Papéis Avulsos - Porque você escolheu essa personalidade para o seu clown?

Doutores - “Tentei pegar o meu eu interior e colocar no clown, sempre fui muito quieto e não me soltava, mas quando eu estou com o nariz na cara, me sinto outra pessoa, como se fosse uma máscara que permite eu fazer o que eu quiser” Tiago.

Papéis Avulsos - O que você mais aprendeu com essa experiência?

Doutores - “Olha, aprendi que eu não posso ver somente meus problemas, tenho que ver que existem outras pessoas com problemas cem vezes piores. Realmente aprendi muito dentro do hospital, mais do que imaginei, é uma lição de vida”

Papéis Avulsos - O que é felicidade pra você?

Doutores - “É um estado de espírito e vem através de coisas pequenas e simples, não precisamos de muito para sermos felizes, arrancar um sorriso de alguém já é o suficiente”.

Papéis Avulsos - O que te motivou a entrar no grupo?

Doutores - “Bem, quando eu vi que tinha uma oportunidade de eu ajudar as pessoas fazendo graça, eu abracei essa ideia. Procurei os terapeutas e aí simplesmente me apaixonei, foi tipo: ‘tenho que participar desse projeto’. Tens os momentos sérios nos quartos, tem todo um mundo que vai muito além de fazer piadas, eu descobri esse mundo. Como minha profissão não tem nada a ver com a área da saúde, esse lado de ver o que o outro está passando é muito importante. Passei a ver cada pessoa como única.